



Cartilha de Denúncia

Racismo e
Propostas
Antirracistas
na Educação

Organização e créditos

Organizadores: Ana Maria do Espírito Santo Slapnik, Ellen de Lima Souza, Maria Eduarda Oliveira de Aguiar Santana e Maurício de Sena Monteiro

Projeto Gráfico & Copywriting: Cesar Tadeu Mungo Trezena e Michelle Alves Fernandes das Neves

Fotógrafos: Isabella Monteiro da Rocha Ramos e Victor Bruno de Oliveira Miguel

Revisão Gramatical: Cesar Tadeu Mungo Trezena, Maria Eduarda Oliveira de Aguiar Santana, Michelle Alves Fernandes das Neves e Shirley Silvério Raposo

Revisão Técnica: Priscilla Marques Campos e Raquel Vieira

Pesquisa de Conteúdo: Aline Xavier Teixeira, Ana Maria do Espírito Santo Slapnik, Bruno de Oliveira Santos, Cesar Tadeu Mungo Trezena, Julia Borges dos Santos, Laura Finesso Chalegre, Maria Eduarda Oliveira de Aguiar Santana, Mário Carvalho dos Santos, Matheus de Sena Monteiro, Maurício de Sena Monteiro, Michelle Alves Fernandes das Neves, Priscilla Xavier Almeida da Silva, Shirley Silvério Raposo e Stephany dos Santos Ribeiro

Apresentação

Caras pessoas leitoras,

Apresentamos esta cartilha com o intuito de informar sobre as múltiplas formas que o racismo se apresenta em nossa sociedade. Enquanto pessoas estudiosas e pesquisadoras das relações étnico-raciais, podemos afirmar que o racismo se atualiza ao longo do tempo e do espaço histórico. Cabe a nós utilizarmos ferramentas e tecnologias para nos preservar e combater, de modo estratégico, tais ações desumanas.

Dessa forma, constituímos neste trabalho um mapeamento de conceitos básicos referentes à questão étnico-racial, os caminhos para o fortalecimento intelectual, traçando os meios legais de denúncia dentro e fora da UNIFESP e, por fim, pontuamos exemplos de boas práticas que valorizam e celebram a identidade, cultura e história da população negra brasileira na base da sociedade.

A realização desta cartilha só foi possível graças às diversas mãos e passos que vieram de longe, passos que se encontraram na encruzilhada do movimento negro e, diante desse cruzamento, se movimentaram para lutar com ações antirracistas. Sem dúvida, para além de escrever esta cartilha, compreendemos e fazemos parte da realidade das desigualdades que nos assolam socialmente, fazendo jus ao conceito de "Escrevivência", cunhado pela grande escritora Conceição Evaristo (2008).

Como Evaristo, tantos outros abriram caminhos para que pudéssemos estar hoje em uma Universidade Pública Federal, direito que nos foi historicamente negado. Nos tornamos pessoas herdeiras daquelas que foram negligenciadas, mas que resistiram firmemente e passaram a ressignificar os espaços através da luta antirracista. Trazemos conosco todas as nossas e nossos descendentes e ancestrais, para que possamos, como eles, fazer avanços para uma realidade mais igualitária.

Sumário

Capítulos

1. Objetivos da cartilha	5
2. Definição de racismo e exemplos de racismo recreativo: Como identificar o racismo e o racismo recreativo?	6
3. Diferença entre racismo e injúria racial	7
4. Análise dos impactos do racismo nas estruturas sociais, políticas e econômicas - Prejuízo do racismo estrutural	8
5. O que é antirracismo?	9
6. Fui vítima de racismo, o que fazer?	10
7. Política de antirracismo na UNIFESP	11
8. Fui vítima de racismo na UNIFESP, o que devo fazer?	12
9. Como construir efetivamente o antirracismo na UNIFESP?	13
10. É tudo pra ontem - Exu nas escolas	14
• Oficina Afrocultura brasileira: Eu sou o samba	15
• Formação para os docentes do Estado: Lei 10.639/03 e 11.645/08	15
• Exposição Artística: Oficina de Rap e criação de rimas	16
• Apresentação Cultural	16
• Teatro Negro e Indígena	17
11. O que os especialistas comentam?	18
• O que é um NEAB ou NEABI?	20
12. QUIZ: Desafio da Consciência	21
AGRADECIMENTOS	26



O principal objetivo dessa cartilha é de informar sobre as diversas formas de racismo presentes na nossa sociedade, como o racismo estrutural, recreativo, entre outros, bem como sobre o antirracismo e a sua importância para a população. Para além disso, esse material visa orientar sobre como agir em casos de racismo no âmbito civil, mas também nos procedimentos institucionais a serem seguidos quando estes acontecerem dentro da UNIFESP. Derivando do legado do movimento negro – no qual a educação e os diferentes saberes são pilares para a construção da identidade e luta preta – e da Lei 10.639/03, que pauta a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, o Núcleo Negro da UNIFESP Guarulhos salienta como um dos objetivos mais valiosos dessa cartilha o papel educacional, ao apresentar diferentes estratégias para promover ativamente uma cultura antirracista na sociedade e na universidade.



1.

2. Definição de racismo e exemplos de racismo recreativo:

Como identificar o racismo e o racismo recreativo?

Para definir o racismo, precisamos entender que esta prática faz parte de um sistema discriminatório e opressivo, o racismo é o preconceito explícito, direto ou indireto, que submete as pessoas negras a uma hierarquia racial, na qual essas minorias sofrem constantemente com associações negativas em relação ao privilégio e ao falso princípio de superioridade da branquitude.

Outra faceta do racismo, agora na instância das micro agressões, são exemplos de racismo recreativo, as ofensas raciais proferidas a pessoas negras mascaradas com o tom "humorístico". Essas ofensas estão presentes e podem ser identificadas em todos os lugares, do ambiente escolar ao ambiente de trabalho, do ambiente de lazer ao ambiente religioso. Comentários pejorativos a respeito dos traços faciais, do cabelo e da cor da pele, bem como outros estereótipos e generalizações raciais, foram intencionalmente naturalizados na sociedade de modo a justificar tais atos com a desculpa de se tratar de uma brincadeira ou uma descontração. Portanto, o racismo recreativo é caracterizado por esse preconceito "sutil", que opera na legitimação da opressão de uma minoria, através de dimensões culturais, psicológicas e institucionais em prol de uma hierarquia racial.

Acesse a informação lendo o QR-CODE:

1. [Vídeo racismo recreativo | Adilson José Moreira | Cabine #05](#)

3. Diferença entre racismo e injúria racial

1.



O racismo e a injúria racial são crimes cometidos contra a raça, etnia ou procedência nacional. Enquanto o racismo é um crime contra a coletividade, ou seja, um grupo de pessoas, a injúria racial é praticada contra um indivíduo.

Ambas estão previstas na Lei de Crime Racial nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. São consideradas inafiançáveis, ou seja, não há pagamento de fiança para a soltura de quem o cometeu, e imprescritíveis, que significa que podem ser julgados a qualquer tempo, independentemente da data em que foram cometidos. As penas variam entre 2 a 5 anos de reclusão, além de pagamento de multa.

Cabe destacar que o racismo é o único crime previsto na Constituição Federal de 1988, conhecida como Constituição Cidadã.

A Constituição Federal aponta como objetivo da nação uma sociedade justa, solidária, com igualdade e sem discriminação (art. 3º, incisos III e IV, art. 5º, caput, CF/88), que reconhece a dignidade humana (art. 1º, inciso III, CF/88), repudia o racismo (art. 4º, inciso VIII, CF/88) e o classifica como crime imprescritível e inafiançável (art. 5º, inciso XLII, CF/88).

Acesse a informação lendo o QR-CODE:

1. Diferença entre racismo e injúria racial:

4. Análise dos impactos do racismo nas estruturas sociais, políticas e econômicas - Prejuízo do racismo estrutural

1.



O racismo estrutural é como se dá o processo de racialização em todas as estruturas sociais - instituição econômica, jurídica, educacional, moral etc. O processo de estabelecimento dessa estrutura no Brasil é marcado historicamente pelo pós-abolição de 1888, pois a ausência de medidas do governo para mitigar as mazelas sofridas pela população negra que ficou sem acesso às terras, indenização ou qualquer política pública a fim de reparar os danos causados pelos anos de escravidão, resultou em uma sistemática exclusão racial das esferas de poder. Esses dados podem ser observados com déficit no número de pessoas negras ocupando altos cargos em comparação com a maioria das pessoas brancas - trata-se de um privilégio e favorecimento da branquitude em detrimento de uma minoria racial. Devido a isso, temos uma sociedade altamente desigual, marcada pelo empobrecimento, encarceramento em massa, violência e genocídio da população negra.

Acesse a informação lendo o QR-CODE:
1. Racismo estrutural.



O antirracismo é uma corrente política que defende o combate ao racismo e suas diferentes formas de expressão na sociedade. Ele pode ser definido como uma total oposição ao racismo através de uma postura de combate ativo e contínuo, como afirma a intelectual negra Angela Davis, “Numa sociedade racista, não basta não ser racista, é preciso ser antirracista”. Dessa forma, busca-se a eliminação completa do racismo, da discriminação racial e da opressão enfrentada pela população negra.

O movimento político antirracista é historicamente encabeçado e liderado por núcleos, coletivos e movimentos negros e tem uma série de elementos que o formam. Um deles é a defesa de medidas de reparação histórica da violência racial contra a população negra, justificadas pela visão de que o racismo só pode ser de fato superado se essa violência for interrompida e as suas consequências forem reparadas. Outro é promover a valorização da identidade negra, das produções intelectuais e da história e cultura africana e afro-brasileira, sendo esse último elemento obrigatório dentro do ensino brasileiro por meio da Lei 10.639/03.

Acesse as informações lendo os QR-CODEs:

1. [Cartilha Antirracista feita pelo Ministério Pùblico do Pará](#);
2. [Entrevista sobre Antirracismo, com o professor pernambucano Lepê Correia](#).

6. Fui vítima de racismo, o que fazer?

1.



2.



3.



É de suma importância que procure a Delegacia de Polícia mais próxima e registre a ocorrência, de preferência a Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (DECRADI). Comece contando com riqueza de detalhes toda a história e se houver testemunhas forneça seus nomes e contatos. Não esqueça de solicitar ao policial civil para incluir no Boletim de Ocorrência que deseja que o autor seja processado. Feita a queixa, a autoridade policial responsável deverá estabelecer o inquérito para apuração da materialidade e autoria, e em seguida encaminhar ao judiciário. Quando o processo judicial for instaurado, você poderá acompanhar o andamento pela internet, na página do Poder Judiciário do Estado de São Paulo. Há ainda situações onde o crime pode atingir toda uma coletividade, nesse cenário é possível procurar o Ministério Público e fazer a denúncia.

No Estado de São Paulo, o combate ao racismo é reforçado através da Lei Estadual 14.187 de 2010. Essa lei instaurou o Programa SP CONTRA O RACISMO e estabeleceu punições administrativas em caso da prática de atos discriminatórios por motivo de raça ou cor. Se você presenciar ou for vítima de discriminação racial em São Paulo, é essencial estar ciente dos termos e das penalidades previstas nessa lei.

Acesse as informações lendo os QR-CODES:

1. [Para crimes e violações aos Direitos Humanos](#);
2. [Denúncia na Secretaria da Justiça e Cidadania](#);
3. [Canal de denúncias da prefeitura SP, ou ligue 156.](#)

7. Política de antirracismo na UNIFESP

1.



2.



A Política Carolina Maria de Jesus de Promoção de Equidade Étnico-Racial (Resolução Nº 212/2021/Conselho Universitário) vigente desde 2021, é uma Política Afirmativa desenvolvida por professores doutores, alunos e ativistas do movimento negro de dentro e fora da UNIFESP.

Buscando promover ações como: a confecção de uma cartografia étnico-racial; a formação inicial e continuada para as relações étnico-raciais; a prevenção de racismo e discriminação; a garantia do acesso e permanência de servidores, alunas e alunos negros e indígenas. A Política foi construída pensando na diminuição dos danos causados pelo racismo aos corpos negros e indígenas dentro do escopo universitário.

"Art. 10. Para alcançar os objetivos desta Política, a formação continuada deverá ser compreendida como ferramenta para promoção da educação para as relações étnico-raciais, consolidando, assim, as bases reflexivas indispensáveis à implementação de mudanças, sejam elas culturais, estruturais, institucionais e/ou ético-políticas, necessárias à desconstrução de práticas discriminatórias e racistas no âmbito da UNIFESP."

Acesse a informação lendo os QR-CODES:

1. [Mesa de Encerramento Semana da Consciência Negra UNIFESP 2023 "Política Carolina Maria de Jesus de Promoção de Equidade e Igualdade Étnico-racial, Prevenção e Combate ao Racismo da Universidade Federal de São Paulo: ontem, hoje e amanhã";](#)
2. [Política Carolina Maria de Jesus](#).



1.



2.

8. Fui vítima de racismo na UNIFESP, o que devo fazer?

Se você foi vítima de racismo na UNIFESP, há medidas importantes a serem seguidas para garantir sua segurança e a justiça. Primeiramente, procure sentir-se seguro para fazer a denúncia. Você pode buscar apoio de amizades, do Núcleo Negro do seu *campus*, de alguma representação estudantil ou, se preferir, iniciar o processo individualmente. O próximo passo é procurar o Núcleo de Apoio ao Estudante (NAE) para relatar o ocorrido. É recomendável ter um relato por escrito, que também pode ser feito com o auxílio do NAE. Envie esse relato por e-mail, à Direção Acadêmica e à Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Políticas Afirmativas (PRAEPA). Também é fundamental registrar um Boletim de Ocorrência, como descrito no item 5, para fortalecer sua denúncia dentro da UNIFESP. Após isso, aguarde a reunião com a Direção e a PRAEPA, onde serão discutidas as medidas cabíveis e o encaminhamento para apoio psicológico.

Importante: Registre sua denúncia e todo o processo na Ouvidoria da UNIFESP para garantir que o ocorrido seja autenticado nos meios institucionais.

Acompanhe o andamento de todas as etapas até a resolução final, e conte com o apoio dos Núcleos Negros, NEAB, Câmara Técnica e Representações Estudantis. Não deixe o racismo te vencer, lute pelos seus direitos, e lembre-se, você não está só!

Acesse as informações lendo os QR-CODEs:

- 1. Ouvidoria UNIFESP;**
- 2. Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Políticas Afirmativas.**



9. Como construir efetivamente o antirracismo na UNIFESP?

Para construir efetivamente o antirracismo na UNIFESP, é fundamental fortalecer e colaborar com os Núcleos Negros existentes e apoiar grupos de pesquisa que abordam temáticas relacionadas à negritude. A participação ativa no Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB) é crucial, assim como o envolvimento em projetos de extensão que tratem da questão racial. Além disso, a comunidade acadêmica deve se comprometer a defender ativamente as pautas raciais e denunciar qualquer caso de racismo. Promover eventos educativos, oficinas e debates sobre a história e a cultura afro-brasileira e africana também são ações essenciais. Ao adotar essas práticas, podemos criar um ambiente universitário mais inclusivo, equitativo e consciente das desigualdades raciais, fortalecendo assim a luta contra o racismo em todos os níveis. E aí, qual vai ser o seu primeiro passo?

Acesse a informação lendo o QR-CODE:
1. [Mesa: políticas antirracistas no ensino superior.](#)



10. É tudo pra ontem

1.



Um exemplo de como podemos criar uma cultura antirracista é o projeto de extensão “É tudo pra ontem - Exu nas escolas”. A iniciativa foi pensada e desenvolvida por alunos da UNIFESP em colaboração com professores que elaboraram e conduziram palestras, oficinas, apresentações culturais, exposições artísticas e debates acerca de questões raciais e aspectos da cultura afro-brasileira e africana nas escolas do Bairro Pimentas. O projeto tinha como objetivo promover a conscientização étnico-racial e fortalecer a autoestima de estudantes negros através da celebração e da valorização da cultura, elevando o empoderamento dos estudantes e consolidando o sentimento de pertencimento e de identidade negra.

Ações como esta revelam que é necessário, e sobretudo possível, o desenvolvimento de medidas para o combate ao racismo. Nesse sentido, o esforço coletivo é essencial para a realização de práticas que viabilizem espaços de diálogo, de trocas de experiências e de disseminação de conhecimentos que tornem lugares, como a universidade, mais inclusivos e conscientes.

Acesse a informação lenfo o QR-CODE
1. Drive Exu nas Escolas.

Atividades Exu nas escolas:
Oficina Afrocultura brasileira - Eu sou o samba"



A oficina ministrada pela aluna Aline Xavier incluiu uma roda de conversa com os alunos, na qual foram destacados grandes nomes do samba. O objetivo foi resgatar a memória e celebrar o gênero musical, proporcionando a valorização de elementos da cultura negra e evidenciando a resistência e as tecnologias desenvolvidas no gênero. A oficina promoveu uma reflexão sobre a importância do samba na construção da herança cultural brasileira, despertando sentimentos de afetividade intimamente ligados à memória histórica do samba.



Palestra de formação para os docentes do Estado:
Lei 10.639/03 e 11.645/08

A palestra ministrada pela Prof.ª Dr.ª Ana Maria Slapnik teve como objetivo reforçar a importância da existência das Leis 10.639/03 e 11.645/08, que referem-se ao ensino de história, cultura e contribuições do povo afrobrasileiro, africano e indígena. Foi ressaltada a importância do papel da comunidade escolar em relação a incorporação de ações, medidas e práticas na cultura escolar que tornem efetiva a aplicação das legislações.



Exposição
Artística: Oficina
de Rap e criação
de rimas

A oficina de Rap, conduzida pela Mc Kmilee, contou com um momento de exposição artística, onde os alunos tiveram a oportunidade de elaborar rimas de improvisação acerca de alguma temática de caráter social. O objetivo da oficina foi reforçar a importância do Rap enquanto movimento artístico, cultural e de resistência da comunidade negra, incentivar a criatividade e a liberdade artística dos alunos, além de promover a conscientização política.



Apresentação
Cultural: Roda de
Coco e Maracatu

Com o objetivo de celebrar e transmitir fatos e elementos de uma das manifestações culturais mais populares, a oficina realizada por Daphny Ginetta. Proporcionando às turmas um momento dinâmico e educativo ao construir uma vivência cultural e artística, a partir do contato com instrumentos, danças típicas e a história do Maracatu e do Samba de Coco.

Teatro Negro e Indígena



A dinâmica estabelecida pelo oficineiro John Halles, com o objetivo de despertar a consciência antirracista, proporcionou um momento de reflexão frente ao racismo enfrentado no dia a dia dos jovens. Os alunos recriaram uma situação de racismo vivenciada e debateram entre si para a elaboração de uma proposta de intervenção.

11. O que os especialistas comentam?



João Jorge Rodrigues

Presidente da Fundação Cultural Palmares

"Educar é uma arte, educar é prazeroso e provavelmente divino. Que tal educar para libertar esse país do racismo e do preconceito?"

(Abertura da Semana da Consciência Negra - "Os 20 anos da Lei 10.639 e os Desafios da Educação Antirracista")

Acesse o QR-CODE para conferir a fala completa:



Renato Xavier

Pesquisador de Pós-Doutorado no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP). Doutor em Ciência Política pela USP

"A anarquia é uma ideia totalmente da branquitude nas relações internacionais e a ideia de hierarquia, de uma ordem global hierárquica, ela surge de um pensamento negro a partir do século XX."

(Raças e Relações Internacionais: Anarquia Branca, Hierarquia Negra)

Acesse o QR-CODE para conferir a fala completa:



O que os especialistas comentam?



Acesse o QR-CODE para conferir a fala completa:



Lourdes Alves

Psicóloga, mestre pela PUC São Paulo em psicologia clínica, professora de diálogo da Palas Atena e consultora do projeto foco do grupo de pesquisa NPS

"Como hoje, no presente, podemos ouvir a voz do passado? E eu posso dizer para vocês que isso é possível, porque carregamos o passado no presente." Lourdes Alves aborda o trauma intergeracional da escravidão, mostrando como ele ainda impacta as famílias afrodescendentes no Brasil. Destaca a importância de romper o silêncio, escutar essas histórias e enfrentá-las para descolonizar a mente e curar traumas."

(Trauma Intergeracional da Escravidão: experiência emocional de mães afrodescendentes)



Acesse o QR-CODE para conferir a fala completa:



Iracema Nascimento

Professora doutora de graduação e pós-graduação junto à Faculdade de Educação da USP

"A gente tem um legado dos movimentos negros que existem no Brasil desde a invasão [...] e temos também a enorme responsabilidade de passar esse bastão [...] contra esse projeto colonial moderno [...] que define só uma possibilidade de ser e estar no mundo, e nós queremos e fazemos outras possibilidades de existir."

(Raças e Relações Internacionais: Anarquia Branca, Hierarquia Negra)

O que é um NEAB ou NEABI?

NEAB e NEABI são siglas que se referem a Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas, respectivamente. São grupos de trabalho e pesquisa presentes em diversas instituições de ensino, principalmente universidades e institutos federais, que atuam na promoção da igualdade étnico-racial e no combate ao racismo e à discriminação.

Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Paulo - NEAB UNIFESP

Contato- neab@unifesp.br

<https://neab.unifesp.br/>

<https://www.instagram.com/neab.unifesp/>

https://www.facebook.com/NEAB.Unifesp1/?locale=pt_BR

NEAB UFSCAR- <http://www.neab.ufscar.br/> neab@ufscar.br

NEAB UFABC- <https://nucleos.ufabc.edu.br/neab> neab@ufabc.edu.br

NEAB UDESC- https://www.instagram.com/neab_udesc/ neab@udesc.br

NEAB UFES- <https://neab.ufes.br/> neab.ufes2020@gmail.com

NEAB UPR- <http://www.neab.ufpr.br/portal/> Telefone: (41) 3360-5000

NEABI UFRG- <https://ifrs.edu.br/ensino/assessoria-de-acoes-inclusivas/nucleo-de-estudo-afro-brasileiro-e-indigena-neabi/> cassianepaixao@outlook.com

NEAF UFF- <https://www.historia.uff.br/neaf/>

<https://www.historia.uff.br/neaf/contato/>

NIEAAB - Núcleo Interdisciplinar de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros - UFSC <https://africa.ufsc.br/> nieaab@contato.ufsc.br

NEAAB UNILAB- <https://unilab.edu.br/neaab/> Telefone: 3332-6130

Lista de instituições com NEABs e NEABIs

<https://cea.fflch.usp.br/instituicoes>

12. QUIZ: Desafio da Consciência

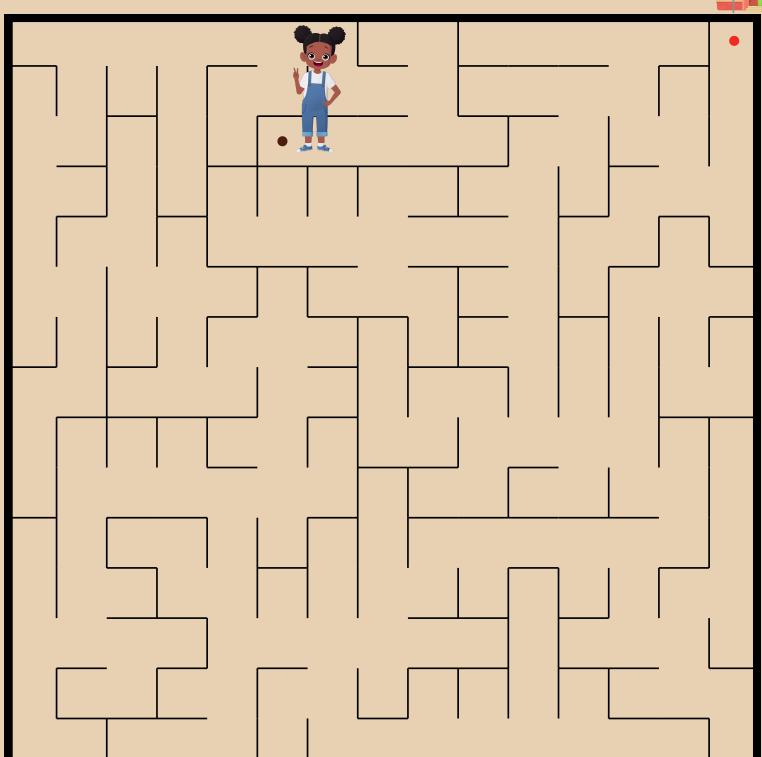


CAÇA PALAVRAS

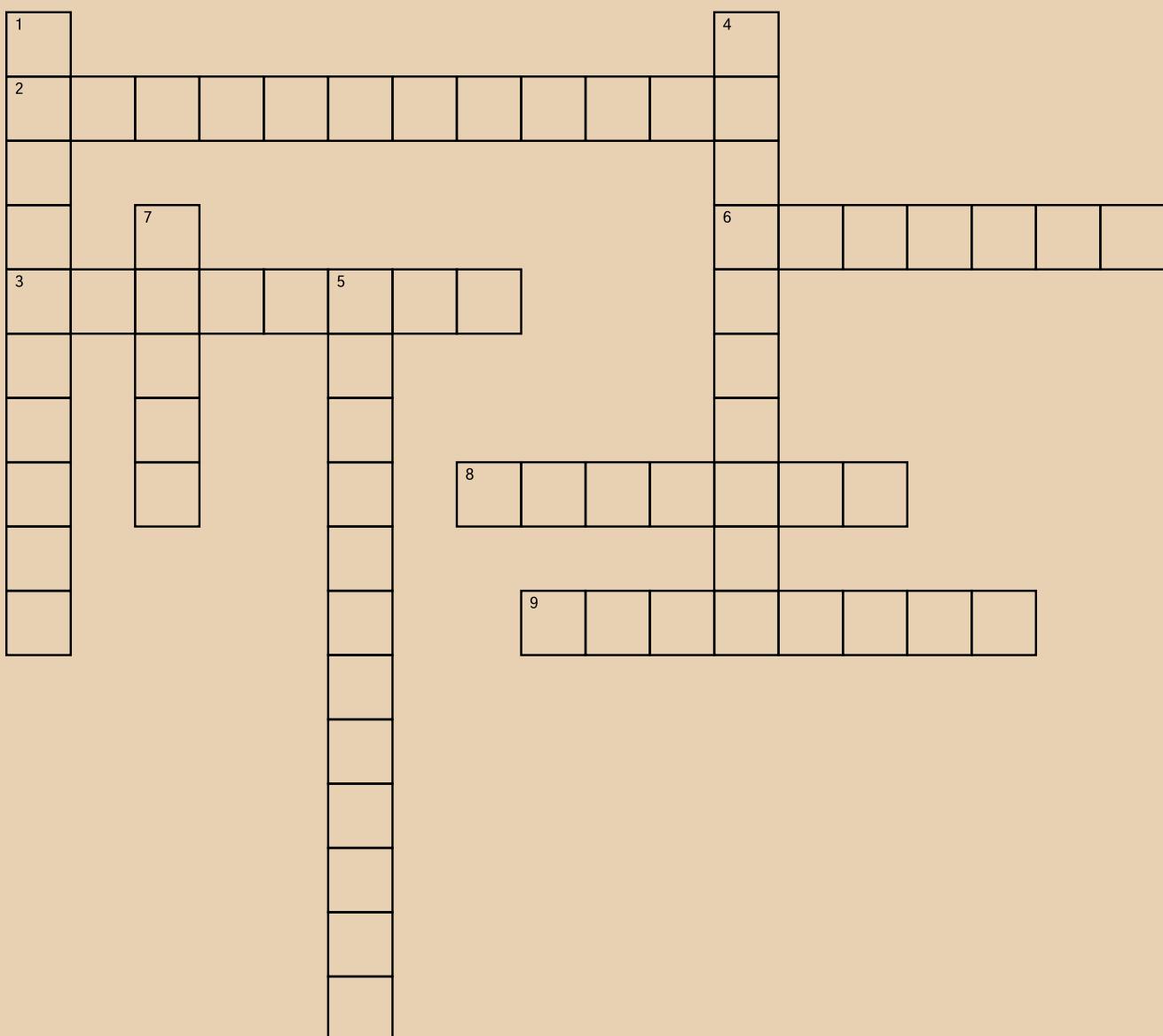


- DISCRIMINAÇÃO
- DESIGUALDADE
- INTOLERÂNCIA
- RESISTÊNCIA
- PRECONCEITO
- DIVERSIDADE
- ESTRUTURAL
- VIOLENCIA
- IGUALDADE
- EXCLUSÃO
- QUILOMBO
- EQUIDADE
- RACISMO
- LUTA
- LEI

LABIRINTO



CRUZADINHA



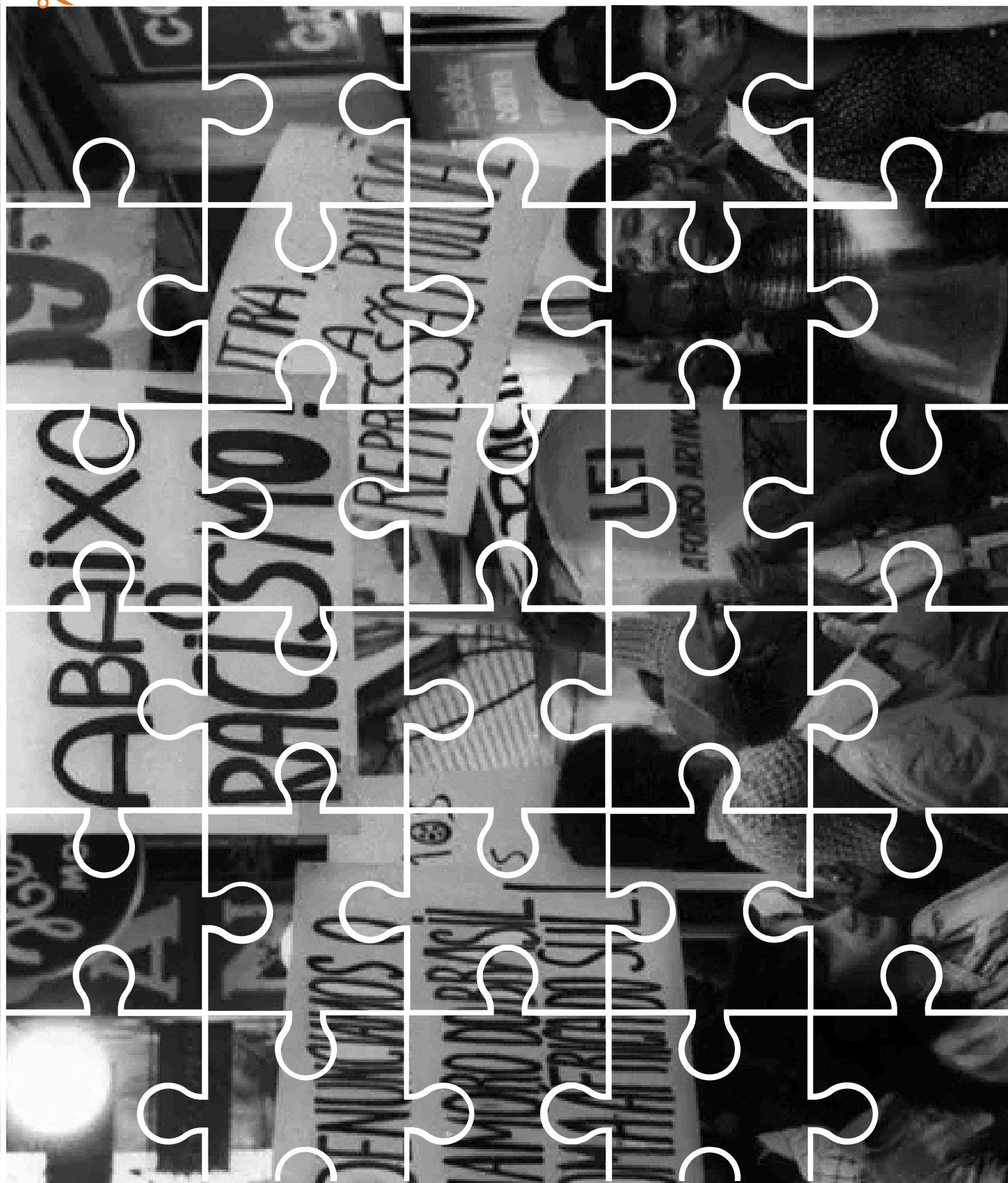
HORIZONTAL

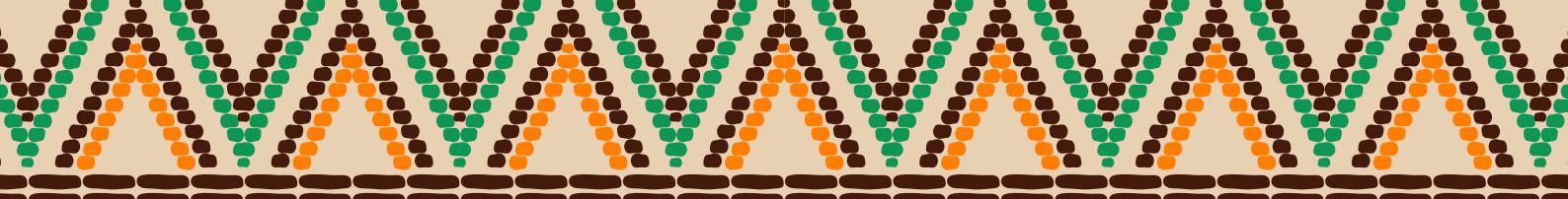
2. Quando o humor é usado para mascarar ofensas racistas
3. Palavra que representa justiça social e oportunidades para todos
6. Tipo de discriminação baseada na aparência e cor da pele
8. Ação de ofender alguém diretamente por sua raça
9. Comunidade formada por escravizados fugitivos

VERTICAL

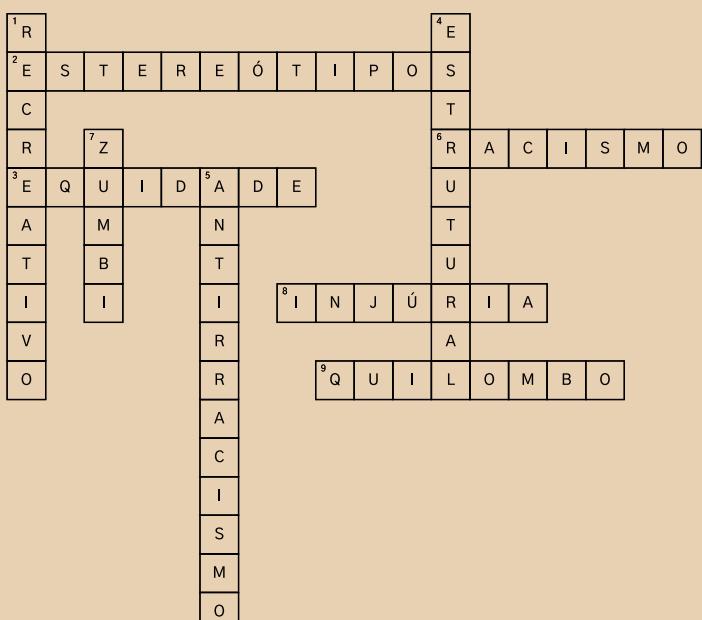
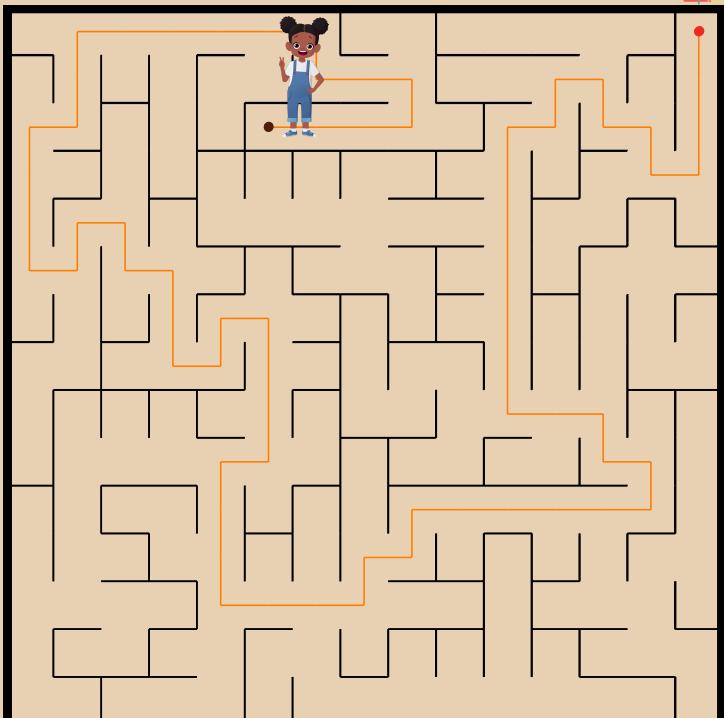
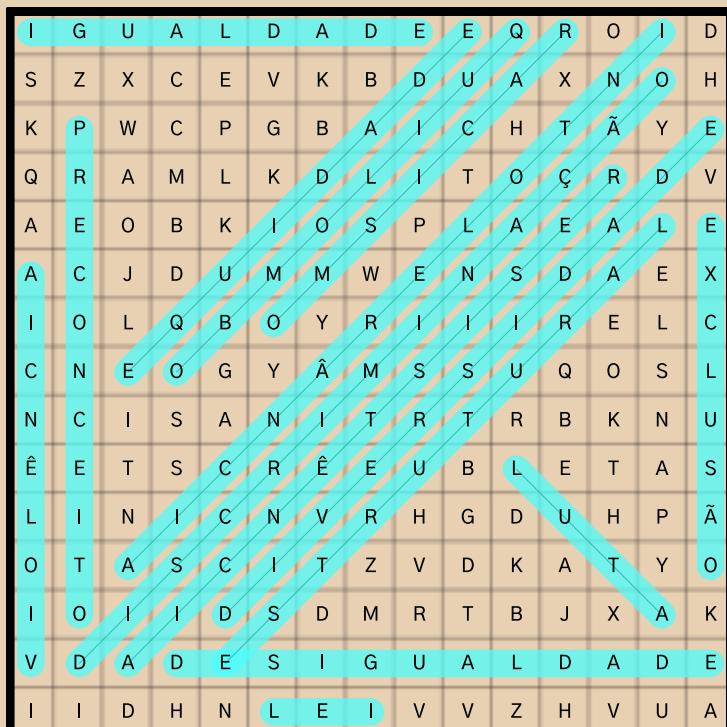
1. Forma de humor usada para camuflar ofensas racistas no cotidiano
4. Característica do racismo presente nas instituições e na sociedade
5. Movimento ou prática ativa contra o racismo
7. Líder do Quilombo dos Palmares

QUEBRA-CABEÇA





GABARITO



VERTICAL

1. Forma de humor usada para camuflar ofensas racistas no cotidiano
 4. Característica do racismo presente nas instituições e na sociedade
 5. Movimento ou prática ativa contra o racismo
 7. Líder do Quilombo dos Palmares

HORIZONTAL

- 2. Quando o humor é usado para mascarar ofensas racistas
 - 3. Palavra que representa justiça social e oportunidades para todos
 - 6. Tipo de discriminação baseada na aparência e cor da pele
 - 8. Ação de ofender alguém diretamente por sua raça
 - 9. Comunidade formada por escravizados fugitivos

Agradecimentos

Agradecemos a todas pessoas que fizeram com que essa cartilha fosse elaborada com a seriedade devida.

Ao Núcleo Negro da Unifesp Guarulhos e sua composição: Aline Xavier Teixeira, Bruno de Oliveira Santos, Cesar Tadeu Mungo Trezena, Julia Borges dos Santos, Laura Finesso Chalegre, Maria Eduarda Oliveira de Aguiar Santana, Mário Carvalho dos Santos, Matheus de Sena Monteiro, Maurício de Sena Monteiro, Michelle Alves Fernandes das Neves, Pryscilla Xavier Almeida da Silva, Sthephany dos Santos Ribeiro e Shirley Silvério Raposo. Por seguirem o legado de aquilombamento e de apropriação da universidade, sem deixar findar a reflexão sobre o que deixaremos para os nossos posteriores e honrando aqueles que vieram antes de nós.

Ao Grupo de pesquisa Laroyê que é bem representado na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Políticas Afirmativas pela Prof.^a Dr.^a Ellen de Lima Souza, sem a qual não teríamos a possibilidade de realizar tal cartilha.

Ao Pró-reitor de Assuntos Estudantis, Prof. Dr. Anderson Rosa.

Ao Núcleo de Estudos Afro-brasileiros, representado pela Prof.^a Dr.^a Ana Maria do Espírito Santo Slapnik, sendo um espaço de aquilombamento de doutores negros e negras na UNIFESP, nos engaja a compreender que a graduação não é o limite para as vivências negras na universidade.

Ao Instituto de Ciência e Tecnologia (ICT), representado pela Prof.^a Dr.^a Marina Dias. A Coordenadoria de Cultura da Pro-Reitoria de Extensão e Cultura ProEC/Unifesp, representada por Raquel Vieira.

Ao dono dos caminhos e do movimento, que multiplica as encruzilhadas e deu caminho a todos os nossos passos até aqui. Laroyê, Èṣù!

E a nossa magnífica Reitora Prof.^a Dr.^a Raiane Assumpção.

Agradecimento a Fundação Cultural Palmares (ATO EXTRATO DE TERMO DE EXECUÇÃO DESCENTRALIZADA 948088/2023)



Entre em contato conosco,
em caso de dúvidas, sugestões ou suportes:

grupodepesquisalaroye@gmail.com

nnug.unifesp@gmail.com

coletivo.preto.unifesp.sp@gmail.com

